

NOTICIÁRIO ATUALIZADO
www.jn.pt/cultura

CULTURA



"Fica-se sempre preocupado com um prémio de carreira. Considerei o Gólfinho de Ouro do Festróia como um incentivo, não como um fecho de carreira. Mas fiquei emocionada. É bonito ver o nosso trabalho reconhecido"

ENTREVISTA

"O meu afastamento não foi planeado"

Maria de Medeiros está de regresso ao cinema português, em "Viagem a Portugal", depois de dez anos de ausência. A atriz interpreta a história verídica de uma ucraniana impedida de entrar em território português

Estreia na ficção de fundo de Sérgio Tréfaut, celebrado autor de documentários como "A cidade dos mortos" ou "Lisboetas", "Viagem a Portugal", em exibição nas salas nacionais, parte de um episódio verídico, ocorrido pouco antes da Expo '98. O realizador dá-nos a conhecer uma realidade escondida, e ainda hoje presente, dos cidadãos estrangeiros arbitrariamente impedidos de entrar em Portugal. Maria de Medeiros regressa, assim, após dez anos de ausência, ao cinema português, num filme onde contracenava com a lendária Isabel Ruth. A atriz falou sobre esta experiência e do seu prolongado afastamento profissional de Portugal.

"Viagem a Portugal" foi também um regresso ao cinema português... Realmente, foi um regresso, mas a falar Russo. Foi muito agradável reencontrar as equipas com quem trabalhei tantas vezes e que são a minha família cinematográfica. Houve, de facto, um afastamento, mas não foi de modo algum planejado. Foi trabalhando sempre

fora e não houve propostas portuguesas, na verdade.

O que a fez voltar? Foi o projecto ou o realizador?

Conheço o Sérgio há muito tempo. Somos amigos desde os 12 anos. Seguimos o trabalho um do outro desde sempre. Aprecio muito o trabalho dele, além de gostar muito dele como pessoa. Sei que comecei este filme com outra perspectiva. Chegou a filmar na Ucrânia, com actores ucranianos, e depois tomou outra direcção

Foi aí que entrou a velha amiga...

Quando, finalmente, decidiu recorrer à sua amiga de sempre, fiquei muito contente. E surpreendida, porque o que me pedia era extremamente difícil. É o tipo de coisas que quase só se podem pedir aos amigos. Havia que fazer todo o papel em Russo e o filme foi rodado em quinze dias. Nem tive uma semana para preparar o papel inteiro em Russo.

Já conhecia esta realidade que o filme mostra, de tentar evitar que

cidadãos estrangeiros entrem em Portugal?

Conhecia não só de Portugal como de França, onde é uma verdadeira questão social e política. A questão da emigração está todos os dias nas notícias. E também por experiência própria.

Em que sentido?

Nos aeroportos, é tudo cada vez mais difícil. Todos sentimos, com maior ou menor grau, uma certa violência e um certo atentado à nossa intimidade. As pessoas têm

de se despir, de andar desfraldadas, descalças. Há uma exposição da intimidade que hoje em dia temos de aceitar, mas que há alguns anos nos parecia estranho e violento.

Sendo uma viajante do Mundo, qual foi a situação mais estranha que viveu num aeroporto?

Foi em Miami ou no Texas, nos Estados Unidos. Tive um senhor a abrir a minha mala, a tirar a minha roupa, a minha roupa interior, os meus objectos todos. Uma

pessoa sente-se realmente violentada. A mensagem do filme é o abuso de poder. O poder excessivo que estas leis da emigração dão aos funcionários dos aeroportos. De repente, há um funcionário que tem o poder de destruir a vida das pessoas.

O filme baseia-se numa história verídica. Chegou a conhecer a mulher cuja vida, no fundo, representa?

Só depois do filme terminado. Conheci a Tania e o marido na apresentação do filme no Indie Lisboa. Foi uma emoção, obviamente. Mas eu ia sempre sabendo dela e do marido através do Sérgio, que os conhece extremamente bem.

Notou se ela ainda estaria marcada por aquele incidente?

Não a conheci suficientemente bem para sentir esse tipo de coisa. O que senti foi que ela era uma pessoa extremamente inteligente e forte.

Como é que foi o "duelo" com a Isabel Ruth?

Sou uma admiradora da Isabel há muitos anos. Como atriz e como cantora e música. Acho que é uma artista muito completa. Foi um dos grandes prazeres deste filme, contracenar com a Isabel Ruth.

Há dias, recebeu o Gólfinho de Ouro do Festróia, um prémio de carreira. Que emoções sentiu nessa altura?

Fica-se sempre preocupado com um prémio de carreira. Considerei-o como um incentivo, não como um fecho de carreira. Mas fiquei emocionada. É bonito ver o nosso trabalho reconhecido, o que nem sempre acontece em Portugal, onde, na realidade, não tenho trabalhado muito, recentemente. O Fantásporto também me prestou homenagem neste ano. Fiquei muito grata a ambos por se terem lembrado de mim.

Quando regressa a Portugal, não sente que as pessoas a esqueceram?

Não. Mas tenho pena de não ter estado envolvida, nos últimos anos, com o cinema português. É um cinema com que me sinto muito comprometida. Foi onde nasci para o cinema. E tenho muitas ligações de amizade dentro do meio.

Como é que neste momento faz o balanço entre a carreira no cinema e a carreira na música?

Vejo-as como complementares. Uma não invalida a outra. Pelo contrário, enriquece, desenvolve, amplia horizontes. E a música está intimamente ligada ao cinema. Mas é surpreendente o espaço que a música tem vindo a ganhar no meu quotidiano. Passo muito tempo a viajar para concertos, o que é uma novidade na minha vida.